

SIMPÓSIO AT030

Heroína ou vilã: aspectos sobre a imagem da mulher em cargo de poder retratada pela mídia impressa brasileira na perspectiva da semiótica francesa

COELHO, Luciana Garcia Gabas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

lucianagabas@gmail.com

RESUMO- Em tempos de protagonismo feminino nos vários segmentos da sociedade brasileira e anseio por igualdade de direitos devido a participação efetiva no campo profissional e político, após séculos de hegemonia masculina, nos leva a observar o tratamento dado à figura da mulher – ministra Cármen Lúcia- à frente do mais alto cargo do poder judiciário – Supremo Tribunal Federal- pelos veículos de comunicação da mídia impressa, revistas Isto É e Carta Capital. As duas capas selecionadas das revistas apresentam a mesma imagem da ministra, porém foram manipuladas de formas distintas para suscitar leituras que denotam credibilidade ou incredulidade aos leitores. Os textos sincréticos são analisados com base na semiótica discursiva proposta por A. J. Greimas (s/d) e abordam os conceitos de semissymbolismo, figurativização e intertextualidade. Os diferentes elementos da linguagem verbal e não verbal que compõem os textos visuais como cor, imagem e a palavra escrita imprimem significados distintos a cada uma das capas analisadas com base na teoria greimasiana. Enquanto a revista Isto É apresenta uma composição que mantém a cor de pele e cabelos da mulher Carmen Lúcia inculcada no cargo, Carta Capital pasteuriza a imagem da mesma em escala de cinza e enfatiza a cor vermelha que liga um personagem citado no texto a um determinado partido político, colocando a ministra em segundo plano e sua atuação sob suspeição. Ao observar as diferentes abordagens da figura feminina no poder, podemos supor que ainda persiste o pensamento hegemônico de um passado ressentido que coloca em dúvida a capacidade da mulher para cargos relevantes na sociedade constituída.

Palavras-chave: Mulher; Poder; Mídia; Semiótica francesa.

Abstract-In times of focus on the feminine figure in the different segments of Brazilian society and longing for equal rights due to effective participation on professional and political fields after centuries of masculine hegemony, it takes us to observe the treatment given to the woman figure: Justice Carmen Lúcia – head of the Brazilian Supreme Court – by the press media, magazines ‘Isto É’ and ‘Carta Capital’. Both the selected magazine covers present the same Justice’s photograph. However, they were manipulated in distinct manners so they induce to different interpretation, showing credibility or disbelief to the reader. Syncretic texts are analyzed based on the discursive semiotics proposed by A. J. Greimas, and discuss concepts as semisymbolism, intertextuality, and the association of different meanings to the image. Different elements of verbal

and non-verbal speech compose visual texts, such as color, image, and the written word print distinct meanings to each of the analyzed covers, based in the Greimas theory. While 'Isto É' presents a composition that keeps the original skin and hair colors of the woman Carmen Lúcia in duty, 'Carta Capital' pasteurizes the image in gray scale, emphasizing the red color that links a character mentioned in the context to a certain political party, showing the Justice in a second plan and her actions, under suspicion. By observing both approaches of the feminine figure in a high level position, we can assume that there is still a hegemonic thinking of a recent past, which doubts of the female capacity of achieving high positions in the constituted society."

Key words: Woman; Power; Media; French semiotic.

Introdução

Ao analisarmos como a mulher em cargo de poder é retratada pela mídia impressa brasileira no momento atual, notamos que, ainda, persistem traços da hegemonia masculina sobre o campo de atuação da mulher. Para tanto, se faz relevante compreender as razões que, ao longo da história, levaram à crença de que as mulheres são menos capazes e inferiores aos homens, pensamento vigente até meados do século XX.

1. A imagem da mulher na história

A organização da sociedade e a definição de papéis atribuídos aos indivíduos está intrinsecamente ligada ao mito. Na narrativa primordial da criação do mundo contida na Bíblia- Gênese-, observamos passagens que denotam a superioridade do gênero masculino, sendo esse, o primeiro a ser materializado pelo Criador e constituído a sua "imagem e semelhança". Em um segundo momento, Deus cria a mulher ao retirar parte do corpo do homem, determinando neste ato a instalação de dependência e hierarquia entre os gêneros masculino e feminino.

Na narrativa mitológica da criação, também está contida, segundo Fiorin, as origens da linguagem, fator preponderante para o desenvolvimento dos núcleos sociais. "Todas as sociedades têm uma narrativa mítica para explicar a origem da linguagem e a diversidade das línguas. Esse mito, no que concerne às civilizações que poderíamos chamar judaico-cristãs, está na Bíblia" (2010, p.10).

Para explicar a origem da linguagem, Fiorin ressalta a importância do mito para os seres humanos compreenderem a origem do mundo, o sentido da vida, a morte, principalmente antes do aparecimento da ciência, meio pelo qual pensou-se que os mitos seriam erradicados. Contudo, o pensamento racional não conseguiu substituir o mítico totalmente. “Hoje os mitos, depois de terem sido declarados mortos, estão bastante vivos. Nos subterrâneos, nutrem a ficção, a utopia e a ciência” (2010, p.9).

No contexto da definição de atributos e papéis para os dois gêneros, considerando características e fragilidades próprias de cada um, Lipovetsky argumenta que “...a ideologia do amor contribuiu para reproduzir a representação social da mulher naturalmente dependente do homem, incapaz de chegar à plena soberania de si (2000, p.24).

Ao analisar a trajetória do papel da mulher na sociedade, o filósofo contemporâneo dividiu em três momentos históricos: primeira mulher (anterior ao século XVI), segunda mulher (século XVI ao XVIII) e a terceira mulher (período atual). O período inicial é marcado por forte influência do mito primordial. Predomina no imaginário coletivo a figura feminina sedutora de Eva.

“Dos mitos selvagens ao relato do Gênesis, domina a temática da mulher, potencia misteriosa e maléfica. Elemento obscuro e diabólico, ser que serve de encantos e astúcias, a mulher é associada às potências do mal e do caos, aos atos de magia e de feitiçaria, às forças que agredem a ordem social, precipitam a putrefação das reservas e das produções alimentares, ameaçam a economia doméstica” (Lipovetsky, 2000, p.233)

Superada a fase obscura, que perdurou por vários séculos, a mulher passou a ser enaltecida, venerada, idealizada. A imagem feminina associada ao belo e a virtude, semelhante à narrativa da mitologia greco-romana, passou a ser retratada por pintores e descrita por poetas e escritores.

Porém, a hierarquia social dos sexos não é alterada. Lipovetsky destaca que a segunda mulher era uma criação ideal dos homens, contudo, tanto a primeira como a segunda estavam subordinadas a eles. A terceira mulher é indeterminada, sujeita de si mesma.

1.2 Imagem contemporânea

Apesar de, até certo ponto, ter conseguido se libertar das amarras do mito e ter conquistado independência dos padrões sociais ditadores da conduta e do papel feminino, ainda não é possível comemorar total equanimidade entre as partes. “Há muitas ilusões em crer que a dinâmica da igualdade prepara um universo unissex: a reprodução social da diferença sexual continua a ser um processo consubstancial aos tempos pós-modernos” (Lipovetsky, 2000,p.257)

A maneira pela qual a mulher é retratada pela mídia é um exemplo da disparidade. Na maioria das vezes, a imagem feminina está associada ao universo da beleza: moda, cosméticos, acessórios, etc... No contra-ponto à figura estética, no contexto empresarial a mulher conseguiu galgar lugar importante e conquistou o cume das organizações corporativas. Mas, quando exerce cargo de poder no âmbito público, ainda é vista com certa desconfiança quanto a suas habilidades para execução de tarefas.

A afirmativa pode ser observada com base na análise da imagem da ministra do Supremo Tribunal Federal, Carmén Lúcia, presidente da instituição entre os anos 2016 e 2018, estampado nas capas das revistas Isto É e Carta Capital.

A mesma imagem foi utilizada e manipulada pelas revistas para conferir conotações distintas, sugerindo dúvidas sobre a conduta e atuação da ministra. A análise das capas foi realizada com base na semiótica francesa. Utilizando-se conceitos como semissimbolismo, intertextualidade.

2. Imagens



Figura 1



Figura 2

3. Imagem X mensagem

No texto sincrético existe uma correspondência entre os sistemas plástico (fotografia) e o verbal. “Quando isso acontece, o sentido do texto deve ser determinado nas relações estabelecidas entre os dois sistemas”(PIETROFORTE, 2010, p.49)

Os textos sincréticos selecionados para análise são compostos por uma mesma imagem, que foi utilizada por duas revistas semanais de notícia, Isto É e Carta Capital; porém, a segunda revista acrescentou um elemento – colar de pérolas- que não existe na capa da primeira. Como todos os elementos da imagem são semelhantes- anel, modelo e cor da roupa, cabelo, olhar, posição dos dedos e da cabeça- pode-se supor que a manipulação foi proposital, para impingir sentido conotativo de frivolidade à figura séria e compenetrada da ministra. Na imagem da capa da Isto É, as rugas do pescoço foram suprimidas por técnicas de manipulação.

Na figura 1, apesar da imagem ser colorida, predominam a cor preta da roupa -expandida para o quadrado no qual a figura feminina está inserida- e os tons de cinza do cabelo, iluminado por um ponto de luz que circunda Carmén Lúcia.

O texto em destaque, na cor branca, contrasta com o fundo preto: “Nunca o STF esteve tão tenso”. A tensão que envolve a suprema corte está sugerida e reforçada pela escolha do tom escuro predominante, que também confere seriedade à figura da ministra e afirmações. Duas opiniões da magistrada inseridas logo abaixo, em fonte menor e em amarelo, explicam o motivo da tensão.

A articulação da imagem com a palavra no texto sincrético constitui um propósito. Nos textos sugeridos, o verbal cumpre função de etapa porque há uma relação complementar com a fotografia, que se resolve na totalidade da mensagem. Quando as palavras explicam a imagem, como as legendas de fotos jornalísticas, o verbal cumpre função de ancoragem (BARTHES, 1984: 32-33 in PIETROFORTE, 2010, p.49).

Na capa da revista Carta Capital a mesma imagem é apresentada em preto e branco, o que confere opacidade à figura da ministra, podemos dizer, a conotação de que ela teria menor poder em relação à primeira capa. A imagem ressalta, ainda, as rugas no pescoço, o que denota a idade avançada de Carmén Lúcia, além de ser acrescentado um colar de pérolas ao pescoço –que não existe na capa de Isto É- conferindo frivolidade, preocupação estética e ostentação. Nota-se no lado direito da imagem que o colar dá duas voltas no pescoço.

Percebe-se na composição da figura 2, a tentativa da mídia de associar a figura feminina ao universo da beleza, como já foi citado no texto, destacando propriedades estéticas que remetem ao glamour, o que coloca em dúvida a capacidade intelectual da magistrada para condução do STF.

A tentativa de diminuição de valor da figura feminina é reforçada pelo texto verbal em destaque: “A (in)justiça em Liliput”, inscrito em um retângulo vermelho que contrasta com o texto em branco. O prefixo in, entre parênteses, grafado em amarelo confere conotação de alerta para a palavra injustiça.

O enunciado, para ser compreendido, requer conhecimento intelectual do enunciatário, uma vez que, o texto remete ao romance satírico “As Viagens de Gulliver”, do escritor irlandês Jonathan Swift (1667-1745). Liliput é uma ilha fictícia, parte de um arquipélago no oceano Índico, onde também está situada Blefuscu. Os habitantes das duas ilhas são inimigos.

Blefuscus e Liliput são uma metáfora utilizada pelo autor para representar, respectivamente, França e Inglaterra no começo do século XVIII. Em Liliput, Gulliver depara-se com a população de pessoas minúsculas (com menos de seis polegadas de altura, cerca de 15 centímetros), denominadas liliputeanos, que o vêem como gigante e agem de forma traiçoeira contra ele.

A escolha do romance - devido ao seu enredo - sugere uma disputa política entre o partido de esquerda, com a citação do nome de seu principal líder no texto complementar, e as demais esferas de poder do país.

A utilização da cor vermelha, que identifica o partido de esquerda, no retângulo em que está inserido o texto em destaque associa o referido partido ao

líder citado. A metáfora sugere que a presidente do STF seja uma habitante de Lilibut, que age de forma traiçoeira contra o “gigante” líder da esquerda.

No texto verbal que complementa a manchete, a palavra labirinto reforça a conotação fantasiosa da situação, enquanto a palavra golpe remete à disputa real entre o poder político e o judiciário, ao mesmo tempo que reforça a realidade ao apresentar o nome da ministra, Carmén Lúcia.

4. Semissimbolismo nas capas

O semissimbolismo pressupõe uma relação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo apresentado na imagem. Na figura 1, há a categoria topológica de expressão, direita e esquerda, a organizar a disposição dos dois sistemas semióticos sincréticos; no mesmo plano, luz e sombra, se opõe à categoria de conteúdo vida e morte.

Enquanto, na figura 1 o plano de expressão é orientado no sentido horizontal, da direita para a esquerda, na figura 2 o sentido é vertical, superior e inferior. Na segunda figura, o plano de expressão apresenta as nuances opostas de claro e escuro, inferindo no plano de conteúdo os opostos semânticos morte e vida, injustiça e justiça.



Figura 1

	direita X esquerda
PE	luz X sombra
PC	vida X morte



Figura 2

PE	PC
superior	morte
inferior	vida
claro	injustiça
escuro	justiça

Considerações finais

Ao analisarmos a figura feminina no momento atual, na forma como é retratada pela mídia impressa, podemos observar resquícios do contexto histórico no qual a mulher esteve inserida, como a hierarquização de papéis em que o masculino é superior ao feminino.

Enquanto, a revista Isto É apresenta a imagem da ministra como uma mulher séria, segura, de opinião firme, compenetrada e empenhada em resolver os conflitos da corte, mais semelhante à figura da mulher contemporânea; a revista Carta Capital coloca em dúvida a capacidade da presidente do STF de fazer justiça.

Para tanto, se utiliza de metáfora fantasiosa da literatura e a manipulação da imagem com a inclusão de adorno – colar de pérolas- para suscitar a preocupação da ministra com a questão estética, o que reforça a tentativa de diminuir sua credibilidade pelo fato de ser mulher. O texto denota, ainda, que ela estaria fazendo o oposto do que deveria no cargo que ocupa.

Notamos que, a última abordagem guarda certa semelhança com a mulher da mitologia anterior ao século XVI, associada ao mal, ao pecado.

Referências

Biografia de Jonathan Swift. Disponível em

https://www.ebiografia.com/jonathan_swift/ Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles; tradução Maria Lucia Machado. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica Visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2010.